

VIOLÊNCIA ESTOCÁSTICA NO BRASIL: MAPEAMENTO INICIAL DE UM FENÔMENO EMERGENTE

KAI MARQUES¹; SIMONE DA SILVA RIBEIRO GOMES³

¹Universidade Federal de Pelotas – kaimarques96@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – simone.gomes@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral a apresentação da pesquisa da autora acerca do tema da violência estocástica/terrorismo estocástico e considerações metodológicas para sua análise no contexto brasileiro. A pesquisa é conduzida com o intuito de elaboração de dissertação de mestrado, visando adotar principalmente uma lente analítica sociológica, mas entendendo a necessidade de compreender o problema de forma transdisciplinar, tendo em vista o caráter multifacetado dos estudos sobre a violência.

O conceito “terrorismo estocástico” é bastante recente em estudos da violência em países do Norte Global, especialmente EUA e Europa Ocidental. O termo “estocástico”, derivado da estatística matemática, descreve a propriedade de algo de ser afetado por uma distribuição probabilística aleatória. Somando-o à ideia de terrorismo, os termos são geralmente entendidos através de uma de suas primeiras mobilizações em um post de um blog digital, G2Geek, de 2011: “Terrorismo estocástico é o uso de comunicações em massa para agitar lobos solitários aleatórios para executar atos violentos ou terroristas que são estatisticamente previsíveis mas individualmente imprevisíveis” (G2GEEK, 2011, grifo do(a) autor(a), tradução nossa). Colocado de outra forma, a violência estocástica pode ser descrita como um tipo de violência política autoritária que descreve atos em que “não se pode ter certeza de quando, como e quem perpetrará o ataque em si, mas se pode ter certeza *que* ele ocorrerá” (BRADDOCK, 2020, p. 225, grifo do autor, tradução nossa).

Originalmente mobilizado no post de G2Geek com o intuito de traçar paralelos entre o discurso beligerante de comentaristas da Fox News e os atos de grupos extremistas como a Al Qaeda, o conceito de terrorismo estocástico ressurgiu nos últimos anos na tentativa de explicar a ascensão de casos de violência advinda de indivíduos de extrema direita em países do Norte Global. Casos deste tipo são frequentemente descritos pela mídia nesses países como casos isolados perpetrados por “lobos solitários”, caracterização que tende a individualizar o fenômeno da violência e isolar o perpetrador de estruturas e redes de relações sociais que são frequentemente amplas e profundas (AMMAN; MOLLY, 2021). A caracterização de incidentes de violência como casos isolados perpetrados por lobos solitários também tem visto um aumento no âmbito brasileiro, com o termo “lobo solitário” especificamente sendo usado tanto pela mídia como por agentes de segurança pública (VEJA, 2024) (CARTA CAPITAL, 2025).

Estudos a respeito do terrorismo estocástico têm se limitado em grande parte a países do Norte Global. Além disso, a maioria dos estudos advém de áreas do conhecimento como Direito, Psicologia e Criminologia, tendendo a possuir um caráter técnico que visa explorar como o problema pode ser efetivamente combatido no nível jurídico-penal. Em contraste a estas leituras, a presente pesquisa insere-se no espaço teórico e conceitual denominado por Walby (2013) de “campo emergente” da sociologia da violência. Espera-se que um olhar

sociológico a respeito do tema possa proporcionar uma análise do mesmo como inserido em uma constelação de fatores e elementos estruturais, de forma a não individualizar aspectos analíticos dos casos de violência e entender como os processos de violência interagem e/ou dependem de estruturas sociais existentes.

Adotar uma abordagem analítica sociológica do tema implica imediatamente no entendimento do problema como “violência”, e não “terrorismo” estocástico, dado a característica tipicamente individualizante, penal e alterizante do termo terrorismo, utilizado em países do Norte Global na decorrência do 11 de setembro como rótulo de forma beligerante (ANGOVE, 2024).

2. METODOLOGIA

O trabalho encontra-se em estágios incipientes, cabendo realizar reflexões metodológicas e propedêuticas. A pesquisa estruturar-se-á em duas etapas principais distintas. A primeira etapa é a pesquisa exploratória, em que análise documental de fontes primárias e secundárias e entrevistas de campo com propósito exploratório serão conduzidas com o objetivo de familiarizar-se com as proporções e especificidades do tema no escopo brasileiro. As fontes primárias utilizadas serão depoimentos de vítimas e/ou testemunhas e evidências de articulações de incidentes de violência em âmbito digital ou físico.

Nesta primeira etapa, também tenciona-se elaborar um banco de dados com o intuito de mapear, de forma não-exaustiva, casos de violência estocástica no território brasileiro a partir da eleição à presidência do candidato de extrema direita Jair Bolsonaro em 2018, não sendo ainda delimitado *a priori* um recorte espacial. O banco de dados deverá levar em consideração aspectos de identificação da vítima, tendo em mente uma preocupação teórica interseccional em entender quem são as principais vítimas da violência estocástica no âmbito brasileiro. Além disso, dimensões teórico-analíticas da violência estocástica serão especificadas como variáveis em cada caso quando possível.

A segunda etapa consiste na análise qualitativa dos dados obtidos, de forma a conectar os aparentes casos isolados e “lobos solitários” a estruturas e redes de relações sociais maiores. Neste sentido, considera-se que metodologias de análise de discurso serão ideais para a condução da análise final, tendo em vista o caráter eminentemente discursivo pelo qual a violência estocástica é articulada e disseminada (AMMAN; MOLLY, 2021) (ANGOVE, 2024).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aproximação com o objeto de pesquisa através do trabalho de campo encontra-se em andamento. Foram realizadas três tentativas de contato com vítimas de casos de violência estocástica em meio digital. Além disso, foi realizada uma entrevista exploratória com uma pessoa próxima de uma vítima de perseguição digital na cidade de Pelotas, com o intuito de melhor entender o caso específico, como este se articulou em contexto digital e que estratégias a vítima e sua comunidade têm adotado para defender-se desta violência.

Para a elaboração do banco de dados, optou-se por uma estrutura de banco de dados relacional com quatro tabelas, tendo em vista a grande quantidade de variáveis e consequente inviabilidade de manutenção de uma única tabela de forma completa e coerente. As tabelas dividem-se em: Incidentes, com oito variáveis; Vítimas, com nove variáveis; Perpetradores secundários, com dez variáveis; e perpetradores primários, com dez variáveis. Entende-se por “perpetrador

secundário” aqueles indivíduos ou grupos que executam o ato final, tipicamente público, de violência, enquanto “perpetrador primário” refere-se aos indivíduos ou grupos que incitam e instigam o incidente a acontecer através de uma retórica tipicamente desumanizadora; ou seja, o “terrorista estocástico” (ANGOVE, 2024).

A seguir são apresentadas como exemplo as tabelas de incidentes e vítimas com dois casos cada, de forma a ilustrar a operacionalização das variáveis e o funcionamento da chave primária como identificador entre as diferentes tabelas.

Identificador	Data	Região	Estado	Cidade	Manifestação	Letal	Fontes
BR-2024-1	13/11/2024	Centro-Oeste	DF	Brasília	Ambos	Sim	Link
BR-2025-1	12/02/2025	Centro-Oeste	MS	Campo Grande	Digital	Não	Link

Vítima	Identificador	Nome	Faixa etária	Gênero	Cor ou raça	Classe	Cis/Trans	Orientação sexual
V-1	BR-2024-1	Alexandre de Moraes	50-59	Homem	Branca	Alta	Cis	Heterossexual
V-2	BR-2025-1	Emy Mateus Santos	25-30	Travesti	Negra	Média-baixa	Trans	Desconhecido

As variáveis das tabelas foram pensadas de forma a possibilitar a compreensão do problema de maneira interseccional, entendendo como diferentes sistemas e estruturas de poder permeiam as relações de violência entre perpetradores primários, secundários e vítimas. Analisar a violência de forma interseccional possibilita a compreensão de seu papel como ferramenta de manutenção e/ou fortalecimento de estruturas enraizadas de poder (COLLINS, 2024), assim como ajuda a trazer visibilidade às vítimas e suas estratégias de defesa e combate às diferentes formas de violência sofridas. O cuidado com a abordagem interseccional é ainda mais desafiador e deve ser redobrado na análise do fenômeno da violência estocástica, dada a “dificuldade de focar em uma violência que objetiva reproduzir e manter relações de poder e o status quo” (MARTINI; SILVA, 2022, p. 6, tradução nossa), visto que os estudos atuais deste tipo de violência em países do Norte Global salientam a enorme predominância de atores de extrema direita entre os perpetradores.

4. CONCLUSÕES

O trabalho destaca-se por sua característica pioneira em abordar a temática da violência estocástica fora do eixo do Norte Global. É possível imaginar que um problema desse tipo seja característico de países mais ricos ou desenvolvidos, possuindo pouca relevância ou impacto social em países do Sul Global como o Brasil.

Entretanto, o presente trabalho defende que já é possível notar a relevância social do problema na esfera política e midiática brasileira, a qual utiliza termos como “lobos solitários” para categorizar violência de extrema direita. Ademais, para além dos incidentes apresentados, alguns casos de violência política coletiva, como os ataques em Brasília de 8 de janeiro de 2023, encontram alguns paralelos como a invasão do Capitólio estadunidense em 6 de janeiro de 2021, um incidente

tipicamente visto como paradigmático e de ampla concordância nos estudos contemporâneos sobre violência estocástica.

O mapeamento incipiente e caracterização da violência estocástica no Brasil possui contribuição dupla; para além de permitir a compreensão da dimensão desta forma de violência como problema social, ele também serve como uma contribuição acadêmica importante para o campo emergente da sociologia da violência no Brasil e no mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGOVE, James. Stochastic terrorism: critical reflections on an emerging concept. **Critical Studies on Terrorism**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 21–43, 2024.

AMMAN, Molly; MELOY, J Reid. Stochastic Terrorism: A Linguistic and Psychological Analysis. **Perspectives on Terrorism**, [s. l.], v. 15, n. 5, 2021.

BRADDOCK, Kurt. **Weaponized words: the strategic role of persuasion in violent radicalization and counter-persuasion**. 1st Edition. New York: Cambridge University Press, 2020.

CARTA CAPITAL. **Esquema de segurança para julgamento de Bolsonaro prioriza contenção de “lobos solitários”**. São Paulo, 27 ago. 2025. Acessado em: 28 ago. 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/esquema-de-seguranca-para-julgamento-de-bolsonaro-prioriza-contencao-de-lobos-solitarios/>

G2GEEK. **Stochastic Terrorism: Triggering the Shooters**. Daily Kos (Blog), 2011. [s. l.], 10 jan. 2011. Acessado em: 28 ago. 2025. Disponível em: <https://www.dailykos.com/stories/2011/1/10/934890/->

MARTINI, Alice; DA SILVA, Raquel. Editors' introduction: critical terrorism studies and the far-right: new and (re)new(ed) challenges ahead? **Critical Studies on Terrorism**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 1–12, 2022.

VEJA. **“Política virou obsessão para ele”, conta irmão de Tiu França**. São Paulo, 15 nov. 2024. Acessado em: 28 ago. 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/politica-virou-obsessao-para-ele-conta-irmao-de-tiu-franca/>.

WALBY, Sylvia. Violence and society: Introduction to an emerging field of sociology. **Current Sociology**, [s. l.], v. 61, n. 2, p. 95–111, 2013.